

Torres Feijó, Elias J. "Portugal nas velas do galeguismo contemporâneo: de Teófilo Braga a Manuel Rodrigues Lapa". Actas do I Congresso Internacional O Pensamento Luso-Galaico entre 1850 e 2000. Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, 371-402.

PORTUGAL NAS VELAS DO GALEGUISMO
CONTEMPORÂNEO: DE TEÓFILO BRAGA
A MANUEL RODRIGUES LAPA

ELIAS J. TORRES FEIJÓ

Grupo Galabra — Universidade de Santiago de Compostela

O presente texto visa fixar alguns períodos fundamentais da fabricação galeguista de ideias-força a respeito de Portugal, quer como bens, quer como ferramentas (Even-Zohar, 2005), e a sua origem lusa ou mista. Em concreto, selecciono três elaborações vinculadas entre si polo seu carácter constituinte, embora seja às duas primeiras a que dedicarei maior espaço: umha primeira, numha fase de génese, 1880-1890, em que se procura a legitimação do sistema cultural galeguista no «mundo português»; a segunda corresponde-se com a fase inicial da formulação do galeguismo como nacionalismo, entre 1918 e 1920. A terceira, com as previsões da morte de Franco e com as tomadas de posição configuradas na época com relação ao futuro que se intui imediato. Seleccionarei apenas alguns testemunhos, o das pessoas de maior centralidade ou transcendência nos sistemas de referência involucradas na produção ou promoção dessas ideias. Isto supom algum esquematismo, mas a substância dessa fabricação de ideias e constituição do repertório galeguista pode ser, penso, perfeitamente captada. Refiro-me a estes fenómenos quando intitulo este texto «Portugal nas velas do galeguismo contem-

porâneo»: ao facto de a própria existência de Portugal e da comunidade lingüístico-cultural, geo-humana e política portuguesa, e das suas manifestações, e de os discursos de elementos procedentes das elites culturais lusas, virem a significar nutrientes importantes e, em algum caso, fundamentais, do argumentário galeguista, do seu capital simbólico e cultural para o avanço e materialização do seu programa, mesmo, de materiais e modelos para esse mesmo programa e de possibilidades de actuação.

Na segunda metade do século XIX, as vias autónomas de comunicação exteriores do que pode denominar-se proto-sistema (Torres Feijó, 2004) galeguista eram bem reduzidas. O polissistema espanhol impunha e proporcionava normas e modelos, instituições e mercados, intermediários e produtos. Safar-se desse circuito era, por mais que a proximidade de Portugal poda fazer pensar o contrário, bem dificultoso. Para além dos contactos raianos, as possibilidades eram poucas.

Para aproximarmo-nos do estado das comunicações, baste reparar em que, em 1886, a abertura da ponte sobre o rio Minho era esperada como umha mudança importante nas relações galego-portuguesas. A ponte, a unir as cidades de Tui e Valença, era um verdadeiro anseio desde variados sectores da Galiza. Ainda a quatro anos da sua inauguração, *El Eco de Galicia* de Havana transcreve um artigo de *El Faro de Vigo* em que se cifra na ponte a superação de non poucos males galegos¹:

Los deseos de que el puente internacional se termine en breve plazo son generales, porque á él va unido gran parte del progreso local, la importancia de este magnífico puerto, la prosperidad de Galicia, porque, lo que ganar pueda Vigo, lo gana la región gallega, esta querida región que yacía olvidada y entregada á la indiferencia de sus hermanas del interior, que apenas le concedían una limitadísima ilustración en todo.

O jornal indica que os benefícios haviam de ser mútuos, «proporcionando nuevas y más cordiales relaciones entre una y otra nación» (quer dizer-se entre Espanha e Portugal, para

¹ N.º 26, de 24 de Dezembro de 1882.

o leitor pouco avisado); mas nem pola sua parte, nem pola do semanário que transcreve aparece alusom nengumha à fraternidade ou às possibilidades culturais que para o relacionamento galego-português podia ter o que acabaria por converter-se num símbolo disso mesmo. Os comentários, aliás, do *Faro* sobre a Galiza, «país bellissimo, lleno de recuerdos, tradiciones, templos y riquezas artísticas», «un tesoro para los que no lo conocían», mais parecem ter sido escritos para «los literatos, los artistas, la aristocracia de la sangre y el talento», que antes os desprezavam e agora «nos hacen justicia» — que para os seus naturais.

No entanto, alguma via de comunicação cultural existia. Publicações de finais da década de oitenta e princípios de noventa, especializadas em ciências humanas e sociais, eram susceptíveis de serem adquiridas por particulares ou instituições interessadas em aspectos de história ou etnografia fundamentalmente. Isto pode explicar que periódicos como *Galicia Diplomática* tenham fixado preço para Portugal. De facto a publicação anuncia receber revistas e livros portugueses, e mantém contacto com a Academia das Ciências de Lisboa. Esse tipo de interesses, com relação a Portugal, também começa a assomar noutras publicações, caso da revista *Galicia* que, no número 4 de Abril de 1887, oferecia umha colaboração de J. Neira Cancela sobre «La Procesión d'os Santos Pasos en Valença d'o Miño», sob o rótulo «Portugal Religioso».

Vinte anos mais tarde, aproximadamente, *La Temporada en Mondariz*, o periódico estival do estabelecimento balnear do mesmo nome, que tinha leitores de vários países da Europa, informava no seu número 11 de 1907, que recebera, entre outras «la visita de nuestros apreciables colegas: *La Mode Parisienne*, de París, *The University Correspondent*, de Londres, *Diário Nacional*, de Porto, y *Soberania do Povo*, de Águeda (Portugal); *Monitor del Ahorro*, de Barcelona, *Revista del Ateneo Obrero Manresano*, de Manresa, *Galicia Solidaria* y *A Nosa Terra...*». Tirante o caso das publicações francesas, mais habituais na época, e fazendo excepção das espanholas que aqui nom aparecem, a relação dá ideia da proporção e objectivos de informação que umha publicação atenta ao processo galeguista e com ampla clientela lusa, como *La Temporada*, procurava assinar; o que, para o caso das relações ga-

lego-portuguesas, supom a informação diária (não literária nem científica) de Portugal, e os dous semanários mais activos na época de credo regionalista (galeguista) — agrarista.

Só dez anos mais tarde, e sobretudo a partir da década de vinte, o intercâmbio informativo e, especialmente, cultural, galego-português consolidará novas vias.

Por sua vez, o galeguista Eugenio Carré, que se servia das páginas da *Revista Gallega* para anunciar as novidades da sua livraria, informa-nos no número 9 da mesma, em 1895, de que dispom, entre as suas novidades, das *Obras dramáticas y líricas* de José Zorrilla, e de que tem à venda «obras portuguesas de los primeros escritores del reino hermano, desde 1,75 pesetas tomo», nom muito caras, se a revista ilustrada *Actualidades* (por onde por exemplo o mais celebrado escritor galeguista ainda vivo, Curros Enríquez, se informava das novidades portuguesas²), de muito luxo, isso sim, era vendida a cinco pesetas. Note-se que as obras do país «hermano» nom se detalham: deviam, para os seus compradores, ter interesse pola marca de origem. O que dito por outras palavras significa que, tal e como a produção textual galega tendia a nivelar-se no Macro-Texto, assim acontecia com o referente de reintegração, onde tudo o que dali procedesse podia, de regra, ser atractivo por ser português.

A presença de jornais e semanários portugueses na Galiza era, pois, efectiva, e se nom em grandes proporções, sim polo menos o suficiente para manter umha razoável informação sobre aquele Além-Minho. As fontes de informação mediática que os jornalistas galegos utilizavam para o seu trabalho eram bastante diversificadas: desde jornais tam afamados como o *Século* (e mesmo outros lisboetas menos conhecidos talvez para o público galego, mas destacados por exemplo no empe-

² Em carta a António Feijó, de 28 de Outubro de 1884, escreve Curros: «Por la 'Actualidades' supe, antes que por su carta, que el autor de la Muerte de D. Juan se ocupa en dar la última mano á la *Velhice do Padre Eterno* [...]» [in *Occidente*, n.º 18, vol. VII, Outubro de 1959, pp. 177 e ss.]. Carta esta que prova várias cousas, para além da admiração de Curros por Junqueiro; entre outras que o poeta de Cela Nova falava desde o polissistema espanhol, mesmo traduzindo o título a esta língua de umha das obras do seu admirado. Esta, nom outra, era a prática real de elementos tam significados do proto-sistema galeguista.

nhamento anti-monárquico, como *Os Debates* [Vázquez Cuesta, 1975: 49, por exemplo], até revistas especializadas, como a *Revista Lusitana* ou o *Archeólogo Português*, sem esquecer a imprensa regional, particularmente a das localidades raianas³.

Às dificuldades do relacionamento, vinham somar-se outras, historicamente constituídas, que ainda o empeciam e distorcionavam mais, sintetizadas na burla que em anedotas e escritos se concentrava sobre os portugueses, em que apareciam como fanfarrões, interesseiros, falsos, ignorantes, pobres⁴, e nas várias e negativas acepções da palavra galego, como reles, estúpido, bruto e outras variantes, algumas comuns às existentes do outro lado sobre eles próprios.

A posição da Galiza, periférica, tosca, pobre, inculta, nom era de grande atractivo. Algumas das crónicas que sobre o além-Minho chegavam a Portugal serviam para cunhar a imagem dum lugar miserável e recôndito. O que para alguns, os menos na altura, vai ter o encantamento do misterioso e remoto, para outros olhares, como o de Anselmo de Andrade (1885: 114), esse encantamento fica totalmente obscurecido pola conjunção do estereótipo do galego e da constatação da marginalidade daquela terra:

Nacionais e estrangeiros deduzem do tosco produto as suas ideias acerca da terra produtora. Aquelas individualidades sujas e desprezíveis, espalhadas pelo mundo, são a

³ Em alguns casos, os contactos vinham de atrás, particularmente no activo núcleo ourensano. Por exemplo *Galicia Literaria*, dirigida por Juan Neira Cancela, dá conta da recepção, no seu n.º 23, de 30 de Maio de 1884, do *A Juventude*, «ilustradísimo semanario portugués que vé la luz pública en Villa Real». E no seu n.º 25, de 30 de Junho, comenta: «Son muy ingeniosas las caricaturas que el lápiz de Sebastiao Sanhudo escogió para su Proceso das Celebridades Portuenses, mereciendo especial mención la suya, que titula 'A caridade bem entendida', la del autor dramático y poeta Mattos Angra, la del Maestrino Frederico y la del Comandante dos Bombeiros, Guilherme Gomes Fernandes» (respeitamos os erros de transcrição).

⁴ Nestes termos, por citar um caso desta altura, escrevia o afamado cronista da corte madrilena, de origem galega, Luis Taboada, cujos textos eram reproduzidos por periódicos do proto-sistema galeguista como *El Eco de Galicia* havanês (por exemplo, no n.º 478, de 22 de Agosto de 1891).

causa de se formar geralmente uma ideia triste da pátria dos criados de servir do género humano [...] Não há terra menos conhecida nem mais caluniada do que a Galiza. Na Espanha é uma enjeitada. Fora de Espanha é o país hotentote de Europa. Não a julgam digna de figurar nos itinerários ou nos roteiros do viajante. Ninguém lá vai.

DE TEÓFILO BRAGA A MANUEL MURGUIA

Como já indiquei num trabalho anterior (Torres Feijó, 1999), que agora em alguma medida retomo e sintetizo, quando o galeguismo inicia a sua actividade e quer usar a língua da Galiza publicamente, oralmente e por escrito, encontra-se com a extraordinária castelhanização e falta dos chamados registos cultos que os séculos de imposição cultural deixaram nos seus utentes; utentes que, por sinal, não eram precisamente os sectores sociais que nutriam as magras fileiras do galeguismo, mas populares, o que acrescentava uma nova contradição e frente de luta àqueles galeguistas, provenientes fundamentalmente da pequena burguesia, e cuja alfabetização tinha sido feita em espanhol. As infraestruturas viárias e de comunicação em geral entre a Galiza e Portugal eram poucas e más em comparação com as do resto do Estado. Era assim difícil reconhecer uma sólida comunidade linguística com Portugal, com o qual não era fluída a comunicação. Até meados da década de oitenta, e só muito lentamente, tampouco é conhecido o património comum dos Cancioneiros Medievais, com o que de prestígio e irmandade com Portugal podiam trazer, sendo a língua galego-portuguesa o seu instrumento. As dificuldades não paravam aí. As tentativas de restauro e recuperação enfrentavam os problemas derivados dumha população habituada a sentir ser o galego um dialecto do espanhol ou no melhor dos casos, um linguajar rústico e inútil, sem história, cuja reivindicação, aliás, era crime lesa unidade pátria espanhola e lesa progresso.

Surgido o regionalismo galeguista (assim denominado até 1916) em época de reivindicação orgânico-historicista, interessava-lhe peremptoriamente poder justificar-se na Tradição. Nesse sentido, a procura de legitimação e, ao mesmo tempo, de diferenciação é orientada em várias direcções, entre as

quais a céltica, a nórdica em geral, fazendo do povo galego um povo originário do Norte da Europa, racicamente distinto do espanhol/castelhano, e, conseqüentemente, cultural e etnicamente diverso daquele. Outra direcção, não contraditória com esta de que se vai nutrir o repertório galeguista é a do seu vínculo com Portugal; de serem, pelo menos no território da antiga Gallaecia, o mesmo povo; de partilharem, Galiza e Portugal, a mesma língua e cultura. E, portanto, mostrar os direitos e legitimidades do povo galego amparados na sua irmandade com um Estado independente, titular dumha literatura reconhecida, dono dum vasto império no passado e ainda ao tempo. Este binómio de oposição e reintegração vai sustentar-se em boa medida nas considerações e estudos que alguns destacados historiadores e filólogos da altura iam desenvolver. Esse «apoio português» não apenas constituiu um recurso. Conheceu também intervenções directas de intelectuais lusitanos, algumas dum carácter reivindicador que o próprio galeguismo não formulara, gerando conflitos que evidenciavam o alerta de intelectuais e políticos espanhóis e, também, a precariedade do galeguismo no século XIX.

Já nos inícios deste processo galeguista, um livro dum intelectual republicano central no campo cultural português, Teófilo Braga, vai provocar uma polémica que, em parte, será ponto de partida para o que, muitos anos mais tarde, Daniel Castelao definirá como o «perigo português» no seu *Sempre en Galiza*: a hipótese de a Galiza tornar-se independente e de, em virtude dessa sua irmandade com Portugal, virem a constituir um único Estado, cousas que «podían pasar por juegos de la imaginación cuando no habían transcurrido horribles crisis, y no se habían visto ciertas tendencias que podrían reaparecer mañana, ora bajo la bandera del absolutismo, ora bajo la bandera de la demagogia, que tantos desastres han derramado en nuestros territorios y tantas amarguras en nuestros corazones», replicava o também republicano, espanhol, Emilio Castelar, em 1880 desde o prólogo às *Follas Novas* de Rosalia de Castro, convidado, pois, pelos seus homólogos republicanos da Galiza (a autora e, suponho, por alguma mediação do esposo dela, Manuel Murguía, amigo do ex-presidente da República Española) e pondo de manifesto, aliás, os limites da tal homologia, entre os uns, os outros e os terceiros.

Imediatamente antes das palavras acima transcritas, Castelar escrevera, evidenciando o carácter de *locus* privilegiado da literatura em episódios e contextos como estes:

Los dolores de Galicia hablan por boca de Rosalía, y los hombres de Estado, los que han tenido el Gobierno en sus manos, que hoy lo tienen, los que mañana pueden volver a tenerlo, necesitan, heridos por voces tan dulces como ésta, averiguar la cantidad de satisfacciones que deben darse a las justas exigencias de esas provincias y el remedio que puede colegirse entre todos para sus antiguos e inveterados males. No olvidemos que hace poco un escritor insigne del vecino reino trazaba una especie de nacionalidad literaria compuesta por portugueses, brasileños y gallegos.

Castelar, usando umha fundamental atalaia do galeguismo, ao ser Rosalia na altura, sem dúvida, a escritora dessa linha mais reconhecida, punha de relevo o carácter político destas intervenções na conclusom do prólogo (1880):

Para matar el provincialismo exagerado no hay medio como satisfacer las justas exigencias provinciales. No olvidemos que muchas de nuestras regiones, como Galicia, por ejemplo, tienen brillantísima literatura propia, la cual, respondiendo a una ley de la vida, a la ley de variedad, debe coexistir, sin daño de la patria, mayor a medida que crecen sus hijos y se fortifican los órganos que componen su cuerpo y se abrillantan las estrellas que pueblan su cielo. Rosalía, por sus libros de versos gallegos, es un astro de primera magnitud en los vastos horizontes del arte español.

As barreiras comunicacionais e culturais nom impediam que textos de incidência nos sistemas de origem fossem conhecidos. Castelar alude ao livro de Teófilo Braga, o *Parnaso Português Moderno*, que este publicara três anos antes em Lisboa, «precedido de um estudo da moderna poesia portuguesa», que continha o motivo da contestação de Castelar. Certamente, nele Braga (1877: LIX) trata da nacionalidade literária galego-luso-brasileira («Portugal, Galliza e Brazil tão separados pelas vicissitudes politicas, conservam ainda intei-

ra a sua unidade ehtnica na tradição litterária»), com afirmações do seguinte teor (1877: XXXVI):

Effectivamente a Galliza deve ser considerada como um fragmento de Portugal, que ficou fóra do progresso de nacionalidade. Apesar de todos os esforços da desmembração politica, a Galliza não deixou de influir nas formas da sociedade e da litteratura portugueza.

Ou deste, que inclui um afam legitimador da Galiza aos olhos lusos sem eludir enfrentar-se aos estereótipos marcantes (1877: XXVIII):

As povoações do Alemtejo chamam gallegos a todos os moradores do Ribatejo, pela transmissão inconsciente de uma tradição perdida. Isto bastará para explicar o assombro que deve causar aos conterraneos o vêrem a poesia moderna gallega ocupando um lugar devido ao lado da poesia portugueza, como uma das suas formas archaicas; seguimos o vigoroso criterio scientifico, deixando as preocupações vulgares.

Pelo estudo da poesia gallega, é que se podem comprehender as formas do lyrismo portuguez; e a desmembração d'esse territorio, que ethnicamente nos pertence tem permanecido para nós extranho durante tantos seculos, é que prova a falta absoluta de plano na nossa vida politica. A verdadeira origem da tradição lyrica da Galliza está ligada à sua constituição ethnica; [...]

Era, também, o texto dum político que, mais umha vez, evidenciava o carácter político das formulações culturais (1877: LX):

O afastamento da Galliza de Portugal provém do esquecimento da tradição nacional e da falta de plano politico em todos os que nos tem governado. Em Portugal o espirito moderno penetra, mas ainda, é considerado como revolucionario. Na Galliza o estudo da tradição começou já [...]

O tipo de argumentações de Teófilo Braga e a contestação de Castelar serám o primeiro episódio dumha longa série de réplicas e contrarréplicas. Mas, o que interessa para a focagem deste artigo, é que no texto do intelectual luso ficam fixadas

bases da construção galeguista dos parceiros portugueses. Com efeito, muitas das futuras considerações que, dumha óptica de apoio ao galeguismo nas suas várias fases, procedam de intervenientes lusos, estarám vertebradas pola linha argumental aberta por Teófilo. Imediata mostra disto é o texto que, em 1881, Leite de Vasconcellos publica no Porto como homenagem a Calderón de la Barca falecido dous séculos antes, intitulado «À Galliza»⁵. O escrito, um duro ataque à «Hispanha» a que Calderón pertence, constitui umha defesa dos galegos perante o desprezo dos seus compatriotas, umha afirmação da identidade etno-cultural e lingüística e umha reivindicação dumha futura uniom política luso-galega, frente à uniom ibérica, centro do debate político peninsular. Isto todo, dito, primeiro com carácter de estudo, e, depois, em composição poética polo, na altura, aluno da Academia Politécnica do Porto (Torres Feijó, 1999):

[...] Quem tem os mesmos usos quotidianos, / Na mesma lingua sólta eguaes canções? / — Herdeiros dos valentes lusitanos, / Não differem as nossas tradições: / Antes no campo bellico da Historia / Possuimos egual quinhão de glória.

Jamais o opprobio desleal e baixo / Sobre o nome gallego, nosso irmão! / A Justiça levanta o vivo facho / Da federal e ehtnica união: / Separados da Hispanha, em dia novo, / Outra vez formaremos um só povo!

Braga, por sua parte, continuará na linha que iniciara. Em 1885 vem a lume o primeiro volume do *Cancionero Popular Gallego*, coleccionado por José Pérez Ballesteros. A pertença de Braga à Sociedade de Folklore e o seu prestígio explicam a sua presença como prologuista do livro. Aí afirma (Braga, 1885: X):

A Galliza é a provincia mais duramente submettida á unidade politica e mais sacrificada pelo centralismo administrativo; ella resiste pela sua tradição lyrica, em que con-

⁵ Saído como folheto na Typographia Nacional do Porto em 1881, foi publicado pola revista *Grial*, 56, 1977, pp. 233-236.

serva a sua feição ethnica e esse espirito local a que chama soidade, especie de nostalgia que em Madrid se denomina morrinha gallega.

E reafirma:

En relação á nacionalidade portugueza, a Galliza é um fragmento que ficou de fóra da integração politica de um Estado gallecio-portuguez [...] A Galliza seguiu a sorte da unificação asturo-leoneza, perdendo cada vez mais os seus elementos de cultura e de vida nacional. [...] A Galliza nunca mais saíu da sua situação subalterna, decahindo sucessivamente.

Emilia Pardo Bazán, presidenta da mesma sociedade replicará ao que qualifica de amigo (conheciam-se segundo o seu testemunho desde 1880), por escrito desde as páginas do seu livro compilatório *De mi Tierra*, combatendo a aproximação que alguns demandavam da cultura portuguesa (1888:115):

[...] que no hay *nacionalidades peninsulares*, ni quiera Dios que se sueñe en haberlas, ni permita, si llega este caso inverosímil, que lo vean mis ojos. Ahora añado que la opinión anterior no me impide estimar cumplidamente la genialidad propia de cada país, ni deleitarme muchísimo con las poesías regionales, si son bonitas, ni reconocer gustosa el parentesco de consanguinidad que existe entre Galicia y Portugal».

[...] pero lo del *renacimiento* lo entenderemos de la misma manera la fundadora y la Junta directiva del Folklore [de que Teófilo era membro de honra], y mi disolvente y sapientísimo amigo Braga? Apostaría que no.

De novo, e como nos casos anteriores, nom conheço intervenções públicas e destacadas de galeguistas opinando ao tempo sobres estas posições. Em todo o caso, se as houve, nom parecêrom mui relevantes. Como se observa, há bastantes semelhanças com a situação anterior: o galeguismo parece oferecer o seu espaço como campo de jogo e confronto entre Teófilo e os seus replicantes. E nada mais. Ora, o seu eventual silêncio ratifica a sua precariedade, e talvez, o facto de para alguns galeguistas a opinião de Teófilo ser umha formulação separatista e unionista ao mesmo tempo com a qual

nom concordariam; mas, o relevante é que o galeguismo nom se pronuncia (embora para outros, entre os quais os seus líderes, seja plausível conjecturar alguma satisfação na linha de Braga). Nom tem força para intervir, mui possivelmente porque nom tem recursos suficientes para fazê-lo e teme perder aliados e equilíbrios mui instáveis. Esse é o caso dos vínculos com Castelar, que acabará publicamente colocando-se em posições contrárias a Murguia; e é o caso de Emilia Pardo Bazán, poderosa agente cultural e política, na Galiza e em Espanha, com capacidade de influência em instâncias políticas madrilenas, com prestígio importante, que a isso deve o seu lugar central, no meio dum ambíguo, alargado e difuso renascimento cultural galego, calculado por todas as partes, que nunca se entra a definir em profundidade e pormenor, e, mesmo, a desenhar explicitamente o futuro desejado, para nom quebrar essa instável estabilidade enquanto todos podam dela beneficiar. A conseqüência, em todo o caso, é a solidom em que se deixam tomadas de posiçom e pessoas como Teófilo Braga.

Que a índole das intervenções de Teófilo parece responder a um estado de opiniom em alguns ambientes republicanos, filo-socialistas ou progressistas portugueses, com independência da força ou da centralidade da mesma, mostra-o o seguinte texto de Oliveira Martins, em carta a Salvador Cabeza de León, jovem galeguista professor de Direito, secretário dos «Xogos Froraes de Galicia» celebrados em Tui em 1891, em que justifica a sua ausência ao ter recebido tarde o convite. Esses Jogos foram concebidos para fazer nascer «a nova pátria porque suspiramos, seus direitos propios, c'a sua acentuada individualidade nacional», como indica o preâmbulo dos «Estatutos pr'o bon reximen» dos mesmos, publicados no número 459 do *El Eco de Galicia* havanês, de 12 de Abril de 1891. A carta converteu-se em artigo de opiniom, ao tornar-se pública no número 5 de *La Patria Gallega*, órgão da Asociación Regionalista Gallega, entidade política fundada um ano antes, organizadora dos Jogos e que reunia galeguistas tradicionalistas (a maioria) e liberais sob a presidência de Manuel Murguia. Convidava-se a Martins para contribuir, como ele próprio diz, para a «apotheose de Rosalía Castro, admiravel poetisa gallega», falecida anos antes, e a que entre outros também aderira Leite. O texto do deputado polo Porto espelha a

continuidade da linha aberta por Teófilo. Martins afirma os traços étnicos e lingüísticos que unem galegos e portugueses, e pom em destaque, ao considerar a evoluçom da Galiza e Portugal em termos histórico-políticos, a origem galega de Portugal, concluindo que «Galegos somos pois, qualquer que seja o aspecto por onde nos observemos quando olhamos para as nossas origens historicas». Estas afirmações legitimam os mecanismos de apropriaçom galeguistas, que o que será célebre discurso de Murguia dias mais tarde perfeitamente reflecte. Com efeito, Murguia, num texto síntese do projecto galeguista, nutrido, no que diz respeito a Portugal, da argumentaçom própria partilhada, em casos com maior moderaçom, com os intelectuais lusos aludidos, invoca a comunidade lingüística como determinante da existência de um sistema intercultural comum, patrimonializando os clássicos lusos e pondo em destaque Camões pola sua origem galega, como já fizera Leite no texto antes aludido⁶; e reivindica umha «alma popular» e umha poética popular, elementos centrais no galeguismo, comuns.

A esteira dos eruditos portugueses deixa a sua pegada nítida no proto-sistema regionalista, e o seu discurso passa a ser usado como referente de verdade para os mais variados usos legitimadores do sistema. A açom galeguista posterior vai assentar nestas bases repertoriais com relaçom a Portugal; constituirám parte do seu repositório e vertebrarám as linhas de desenvolvimento proto-sistémico galeguista a respeito dos polissistemas português e espanhol.

Joaquim Pedro de Oliveira Martins falece, como é sabido, três anos mais tarde, mas ficará incorporado como *auctoritas* lusa polo galeguismo, uso que já tinha antecedentes importantes, como o de Murguia em pública polémica com o mem-

⁶ A reivindicaçom da origem galega de Camões será umha constante no galeguismo desde as suas origens, mesmo já no Padre Sarmiento no século XVIII, como reflectem várias passagens das *Obras posthumas del Rmo. P. M. Fr. Martín Sarmiento benedictino. Tomo primero: Memorias para la historia de la poesia y poetas españoles dadas a la luz por el Monasterio de S. Martín de Madrid y dedicadas al Excmo. Sr. Duque de Medina-Sidonia*, Madrid, 1775. Em 1988 a editora de Lugo Alvarellos publicou um fac-símile.

bro da Real Academia de la Historia, de Madrid, Sánchez Moguel, quem, por sua vez, também o utilizava *pro argumentatione sua* no seu discurso de entrada àquela instituição em 1888. E, em concreto, as suas palavras sobre Rosalia de Castro e *Cantares Gallegos*, «esse livro em que vibrantemente pulsa al alma nacional», serám repetidas em publicações galeguistas desde esse momento, caso da *Revista Gallega*, dos galeguistas liberais e filo-republicanos, no seu número 120 de 27 de Junho de 1897 dedicado à poeta, que o em ocasiões mimético *El Eco bonaerense* reproduz no seu número 201, em ambos os casos, ao lado dumha apreciação da Pardo Bazán, de tom só em alguma aparência similar: «En los *Cantares Gallegos*, Rosalía de Castro traduce á maravilla el alma del país.»

Quanto aos outros dous intelectuais aludidos, Teófilo e Leite, eles serám os de maior intervençom, influéncia e relacionamento com o galeguismo nesta fase, como espelha o facto de serem convidados, juntamente com Alberto Bessa, Eugénio de Castro e Carolina Michäelis de Vasconcellos a fazer parte, como membros correspondentes, da Academia Galega fundada em 1906 (e cujo antecedente foi, em parte, aquela Sociedade de Folklore), sob a presidéncia efectiva de Murguia e a de honra de Pardo Bazán, reflexo dos pactismos a que a debilidade estrutural galeguista obrigava no meio de duros ataques espanholistas.

A estratégia galeguista desta altura conduziu a assentar algumas bases legitimadoras fundamentais e a provocar umha tensom política e cultural, de definiçom e ubiquaçom, que vai afinar-se nas décadas futuras. Isto vai verificar-se num novo momento constituinte que a sísifca história do galeguismo conhece nos finais da década de 1910. Surge com a publicação em 1916 do folheto *Nacionalismo gallego. Nuestra afirmación regional*, de Antonio Villar Ponte, escrito «en castellano, por razones de propaganda», segundo o autor afirma na contracapa.

Centrado no idioma; utilizando sistematicamente Portugal como referente de analogia, reintegraçom e emulaçom; colocando-o na sua expressom cultural por cima de Espanha e até como berço da solidez das suas conviçoes nacionalistas galegas (Villar Ponte, 1916: 23-24), o texto é umha convocatória «a todos los buenos gallegos» para «una santa cruzada»

galeguista (32), que terá materializaçom nas denominadas «Irmandades da Fala» formadas meses antes.

«Nada, pues, más patriótico, necesario y urgente que nuestro empeño nacionalista, que nuestro afán de rehacer, en lo posible, la destrozada tradición y de conquistar la plena autonomía espiritual, base de todos los progresos económicos» (35), afirma no livro, que conclui con «estas palabras del ilustre Teófilo Braga» (35), várias vezes repetidas, que conhecemos do prólogo ao *Cancionero Popular Gallego* de Rodríguez Ballesteros (1885: IX), facto que lembrará também em 1935, pouco antes de morrer, na *Seara Nova* (n.º 425 de 7 Fevereiro de 1935), dirigida na altura por A. Sérgio e editada por Câmara Reis:

A Galiza é a provincia mais duramente submetida á unidade política, e mais sacrificada pelo centralismo administrativo; ella resiste pela sua tradiçao lyrica, em que conserva a sua feiçao étnica... A Galliza perde a sua existencia politica e, por tal acto, apaga-se a sua cultura.⁷

Observe-se, pois: o texto fundacional da nova etapa aberta, da afirmaçom da Galiza como naçom, amparada no mesmo recurso luso/lusista que Murguia utilizara anos atrás, e que rompia a táctica ambigüidade galeguista, assentava a sua conclusom num texto de Braga, relacionado com os galeguistas decimonónicos, com os quais o próprio A. Villar Ponte discrepara. Dous anos mais tarde, a constituinte «Primeira Assembleia Nacionalista de Lugo», em 17 e 18 de Novembro de 1918, aprovava um Manifesto em que fixava o programa político das *Irmandades* e reivindicava, no seu ponto IV, e «para conquire da Sua Maxestade O rei a autonomía integral da Nazón Galega e fixar nun programa concreto as que coidan soluciós ós problemas que intresan d-un xeito fondosísimo a vida na-

⁷ Num artigo que intitula «Ideia trascendente. O caminho do nacionalismo galego...» e que encerra com esta alusom a Oliveira Martins: «Prova d'amor que comparten connosco todos os galegos que se non achan influídos pelos maragatos, gente de sangue berebere — como afirma Oliveira Martins no seu livro *História da Civilização Ibérica* — que pretende, ademais de nos levar os cartos, asasinarnos o espírito. ¡Sanchos Panzas enemigos do Amadis!».

zonal da Galicia», a «Federación da Iberia» e, no v, «Dentro d-esta federación, igoaldade de relación con Portugal», pormenorizando assim, já no ponto vi:

Crendo na accidentalidade das formas dos governos, intréanos acrarar que nos apelamos por ningunha, mais simpatizaremos, dende logo, con aquela que se amostre mais doada para chegare á Federación con Portugal.

Passava, pois, Portugal, a integrar o conjunto repertorial da açom política nacionalista no seu momento fundacional num lugar explicitamente preferente. A postulaçom federativa com o País vizinho indicava o modo em que os galeguistas se sentiam mais cómodos identitariamente: só com a participaçom de Portugal num conjunto político comum, o que fora já proclamado, mais aberta e drasticamente, polos intelectuais lusos.

A esta via, continuadora do galeguismo liberal fabricado por Manuel Murguia e os seus parceiros, vai unir-se, nem sempre pacificamente, a que procede dumha consideraçom mais essencialista e, em parte, culturalista, do carácter nacional galego. É a representada por Vicente Risco que, em 1920, dá à luz a sua *Teoria do Nacionalismo Galego*. Risco vai mudar de referente fundacional e se as ideias de Villar Ponte conhecem umha linha de continuidade desde Teófilo Braga ou Oliveira Martins (antes, também Herculano), o vínculo político-cultural fundamental de Risco é agora Teixeira de Pascoaes e a sua teoria do Saudosismo, que o intelectual galeguista vai colocar como alicerce da civilizaçom atlántica galego-portuguesa que defende. Noutro lugar, vinculado a este (Torres Feijó, 2008b) desenvolvo o papel que o Saudosismo ocupou no programa e na mundivisom cultural galeguista da altura e os vazios que essa perspectiva vinha preencher no seu corpus ideológico e estético, somando ao lirismo a saudade como característica intrínseca da alma galega (Risco, 1920: 16). Risco, na sua argumentaçom, em que vincula essa saudade ao celtismo, os dous como elementos fortes da raça galega, coloca o Atlantismo como elemento vertebrador dos objectivos do nacionalismo galego, da Civilizaçom Atlántica por vir. Mas, embora acompanhe quase à risca muitas das noções saudosistas, nom cita em nengum momento o amarantino e apenas

umha vez Leonardo Coimbra, como o fundador do Criacionismo nessa Civilizaçom, com algum matiz (1920: 25):

Mais a todo ese saudosismo e creacionismo portugués aínda lírico de máis, e ata se me apuran ibérico de máis, cómprelle un pouco de lazo nórdico. Galiza, sendo máis céltica, é máis sintética, e ese matiz fai precisa a nosa colaboración na civilización atlántica.

Esta tendéncia saudosista galeguista consagra-se no mesmo ano, quando o periódico mais relevante do nacionalismo galego ao lado de *A Nosa Terra*, a revista *Nós*, abre o seu número I com um poema do amarantino, «Fala do Sob», dedicado «aos jovens poetas galegos» e a editorial fala do autor como o «grande e amado Mestre» e «Revelador da Saudade», entre outros reconhecimentos e elogios rasgados. «Teixeira de Pascoaes é nóso, nóso pol-o sentimento, se non o fora coma il dí 'no sangue e na alma'. E Teixeira de Pascoaes é o meirande poeta da Iberia», proclama-se, proclama mui provavelmente Vicente Risco, quase com toda a certeza o autor de toda a crónica e transcritor de trechos dumha carta entre ele e o poeta.

Pascoaes, a Saudade, o Saudosismo ficárom rapidamente incorporados às velas galeguistas por Risco (e antedecentes imediatos como os nacionalistas Porteiro Gareia ou Viqueira). Esta perspectiva de comunhom espiritual entre os dous povos, de umha mesma origem, etnia e paisagem (Natureza) e a expressom de um mesmo, difuso, ideal, por concretizar, tinha raízes. Baste este pequeno pormenor a ilustrá-lo: quase como espelho dos elos reintegracionistas galego-lusos, Pascoaes dedicará à Galiza a segunda ediçom do *Maranus*, feita sobre o poema originário que Leite de Vasconcelos em 1902 elaborara com motivo dumha visita à Galiza e publicada a *Revista Gallega* (n.º 390, de 8 de Setembro): «Galiza, terra irman de Portugal [...]» e que, quiçá e por sua vez, foi inspirado nas palavras que o professor e antigo Ministro de Obras Públicas de Hintze Ribeiro, Bernardino Machado, dirigira à Tuna Compostelana em 1901 em Coimbra ⁸.

⁸ O discurso foi recolhido polo órgao académico coimbrao *O Instituto*, no seu número de 3 de março de 1901, pp. 201-203, vol. XLVIII. Nele

Apesar de contestados em alguns círculos galeguistas como elementos paralisantes (Dieste e Otero Espasandín, por exemplo), Saudade e Saudosismo atingiram categoria importante, como mostram obras de Ramón Cabanillas (1920) e Otero Pedrayo (1931), os escritores centrais da poesia e da narrativa na altura, ao extremo de que Daniel Castelao, no livro *Sempre en Galiza*, até hoje o texto de referência principal do galeguismo, dedicará um capítulo à Saudade, «o sentimento que abrangue a Portugal e a Galiza n-nunha soia eternidade» (1944: 352), que a considere como principal signo diferencial da psicologia galega, na esteira dos saudosistas fundadores galegos (1944: 52) e que a afirme como a justificação bastante da reunificação galego-portuguesa (1944: 355-357):

Sexa o que sexa, a Saudade eisiste, e portugueses e galegos somos escravos d-ela. E ainda que Portugal e Galiza non tiveran outros vencellos étnicos, nin outros estímulos comúns que os do lirismo saudoso, abondaríanos para que cesase o arredamento en que vivimos, morréndonos de soidade morriñosa. N-esta zozobra do mundo, Portugal e Galiza deben sentirse animados por una decisión inédita e confluyente, reitificando os erros da historia e transfigurando novamente a Saudade en Aición. Sóio así ouviremos bater as azas da Vitoria sobor das nosas Terras.

aparecem frases como estas, referidas aos «filhos da laboriosa e dolente Galliza»: almas gemeas das nossas, que o mesmo sol aquece e colore igualmente, que a terra perfuma e engalana de eguaes flôres, que o mesmo largo mar abraça e enamora com os seus misteriosos cantos longinquos, e que o mesmo sangue embala e atormenta com os mesmos sonhos e a mesma crispação do infinito». O poema de Leite diz assim, adaptado à ortografia comum do galego da *Revista Gallega*: «GALICIA, terra irman de PORTUGAL / Onde voan os mesmos paxariños, / E as mesmas froles bordan os camiños, / E as mesmas almas ten o mesmo ideal; // Lindo berce de Curros e Pondal, / — un que escoita os murmulos dos *airiños*, / Outro que abrindo vellos pergamiños, / Canta as grorias d'un pobo colosal —: // Eu te saúdo! E chamome feliz, / Pois hoxe, preto d'estes bós amigos, / Bebín en paz dous gotos de Xerez...; // Soño da veira-mar, verde país, / Poida eu por lonxe andar sen correr p'rigos, / Pra acó te vir saudar mais unha vez!»

Pela sua índole e autoria, *Sempre en Galiza* é um magnífico termómetro para a consideração do estado e modo das ideias que o nacionalismo galego fabricara a respeito de Portugal. O país vizinho está mui presente em toda a obra. Nela, os autores portugueses mais recorridos som Camões (quase tanto como Rosalia de Castro), o integralista António Sardinha [usado nom na sua vertente política mas de análise da identidade (galego-)portuguesa] e Teixeira de Pascoaes. Oliveira Martins e, sobretudo, Teófilo estão já num plano inferior. Ao autor da *História da Civilização Ibérica* Castelao recorrerá para afirmar a identidade e utilidade lingüística galego-portuguesa (1944: 453) e, especialmente, para utilizá-lo como fonte frente ao 'perigo espanhol' (1944: 342-343):

Nós cremos, com Oliveira Martins, que a única maneira de conxurar o «perigo hespañol» — perigo de conquista seguido de absorción — está nunha inquebrantable alianza peninsuar e no robustecimento da nacionalidade portuguesa [...] só posíbel cunha renascencia galaico-portuguesa.

[...] dentro de Portugal quedounos a metade da nosa terra, do noso espírito, da nosa lingua, da nosa cultura, da nosa vida, do noso ser nacional.

Teófilo está nom como político mas como afirmador da unidade lingüístico-cultural da Galiza e Portugal (1944: 450). A ele é atribuída umha frase que, na realidade, corresponde a *As Raças Humanas e a Civilização Primitiva* (1881) de Oliveira Martins: «Portugal nasceu d-un retalho saído da Galiza», cita Castelao, talvez de cor, sentença que tem a sua base neste texto de Martins (1881: 272):

Nós portugueses, nascidos de um retalho da Galiza, falando um galego culto; nós portugueses que, embora produzidos historicamente pela mistura do sangue minhoto e beirão com o estremenho e alentejano (ibérico, turdetano), revelámos as qualidades célticas nas nossas aventuras marítimas, nas nossas lendas messiânicas [sebastianismo], no lirismo da nossa poesia, na inconsciência e passividade que no nosso carácter se alternam com os acessos de fúria africana ou de misticismo semita.

A confusom revela, de algumha maneira, que alguns textos de intelectuais lusos constituíam na realidade um conjun-

to de referências ideológicas legitimadoras do nacionalismo galego, configuradas como Macro-texto.

Castelao escrevia desde o exílio. As derradeiras palavras do livro, que desde a segunda edição de 1961 estão formadas por um acréscimo que ele escreveu em 1947, no barco que o conduzia de Marselha a Buenos Aires, visam sintetizar o programa nacionalista que, em boa medida, é, em relação a Portugal, o mesmo com que vinte e cinco anos antes começara a sua trajetória:

Non temos ningunha fé nos hespañoes; pero témola en nós mesmos e nas ideas que profesamos. Estas ideas poden concretarse nos catro principios siguientes:

- a) Autonomía integral de galiza para federarse cos demais povos de Hespaña;
- b) República Federal Hespanhola para confederarse con Portugal;
- c) Confederación Ibérica para ingresar na Unión Europea;
- d) Estados Unidos de Europa para constituir a Unión Mundial.⁹

A guerra civil e a sua subsequente ditadura significou, além dumha absoluta repressom sobre as pessoas e ideias galeguistas (e, em geral, de quem nom tivesse manifestado explícita adesom ao regime franquista), umha importante

⁹ Quando, anos mais tarde, pronuncie o seu derradeiro e breve discurso, que também ficará célebre no imaginário nacionalista, o chamado «Alba de Groria», em 25 de Julho de 1948, no Dia da Galiza, aos emigrados em Buenos Aires, lembrará dous portugueses, Oliveira Martins [1951]: «Dí Oliveira Martíns que na Hestoria non hai máis que mortos e que a crítica hestórica non é un debate, senón unha sentencia. Pero todos sabemos que os mortos da Hestoria reviven e mandan sobor dos vivos — moitas veces desgraciadamente —, como todos sabemos que a mellor sentencia é a que se da dispóis d-un debate. Por eso eu gosto de poñer a debate a nosa Hestoria, non a nosa Tradición [...]», e Camões, «o mellor poeta da nosa estirpe», de quem cita «Sen tí perpétuamente estou pasando/ Nas maores alegrías, maor tristeza [sic]. Revelador de como o mundo português e determinados elementos dele estavam inseridos no corpus programático e ideológico nacionalista galego.

rotura com o passado imediato, cuja memória se repartiu, desigualmente, entre o interior do País, o exílio e outros lugares e pessoas, como Portugal.

Deste último caso é exemplo fulcral o professor Manuel Rodrigues Lapa, o principal agente galeguista luso na órbita do influente grupo organizado em volta da editorial «Galaxia» desde a fundação em 1950 desta instituição cultural do galeguismo, estabelecendo umha importante rede de relações na Galiza e desenvolvendo um igualmente importante labor na construção do Sistema Cultural Galego, realizando labores de assistência identitária (Thiesse, 2000: 85), de intervenção directa e produção de materiais, ou de mediação e *transferência* de produtos e repertórios galegos para o sistema português no tardofranquismo, como assinala Cristina Loureiro (Loureiro, 2006). Numha famosa fotografia tomada no transcurso da homenagem que as Irmandades da Fala dêrom a Castelao em Lugo, a um lado da bandeira está o velho galeguista Lugrís Freire, do grupo de Murguia, e ao outro, um jovem português que vinhera a pesquisar sobre trovadores e o acaso do encontro com algum nacionalista (com Bouza Brei, provavelmente) levava àquela cidade galega. Desde esse momento, o nacionalismo galego ganha o que será o seu principal agente português contemporâneo. Com efeito, já ao seu regresso a Lisboa, Lapa publica na *Seara Nova* o seu «Castelao e a Galiza» (n.º 309, pp. 327-330, logo reproduzido em *Nós*, no número 105, de Setembro), em que relata a sua estadia e introduz os leitores no trabalho do artista, transcrevendo o prólogo do álbum *Nós* e várias das estampas, que lhe servem para explicar as calamidades que está a passar o povo galego por razões sócio-económicas. Incide em realçar a irmandade luso-galaica, seleccionando um dos desenhos mais célebres do relacionamento galego-português:

Há um desenho que tem para nós, portugueses, significado muito especial, o n.º 39: um velhote da fronteira, à beira do Minho, conversa com um cachopo, que lhe desfecha uma pergunta deveras impertinente: — *E os do bando d'alá son mais estranxeiros que os de Madri?* O homem coça na cabeça, espantado da pergunta — os rapazes são o diabo! — e Castelao comenta, entre parênteses: (*Non se soupo o que lhe respondeu o velho*). A ironia é magistral e o mis-

tério ainda a torna mais apetitosa; mas, ou muito nos enganamos, ou o velho teria simplesmente respondido ao mocinho que não. Nem poderia responder outra coisa: porque um português de verdade não tem o direito nem o dever de sentir-se na Galiza moralmente um estrangeiro; politicamente, sim. O certo é que a simples existência deste desenho tornaria perfeitamente legítima a presença dum português na homenagem a Castelao, que não era, longe disso, como se propalou na festa de Lugo, uma representação.

O líder nacionalista Daniel R. Castelao morre a 7 de Janeiro de 1950 no exílio bonaerense. Quando Rodrigues Lapa conhece a notícia apressa-se a dedicar-lhe um quádruplo número da *Seara Nova* em que se incluirá umha antologia dos seus escritos. Para este, Lapa escreve umha dedicatória em que manifesta as suas afinidades com o artista de Rianjo (1951: 433-434):

Às vezes dá vontade de pensar que há um génio mau, apostado em separar para além da morte aqueles que em vida se quiseram bem. O que sentimos perante a cruel notícia foi o que sentiríamos pela morte dum irmão, mais talvez ainda. A verdadeira irmandade não é a do sangue; é a que se tece de mil influências e aproximações, dadas pelo pensamento, pelo coração e pela cultura. Tudo tendia a aproximar-nos, tudo menos o génio: a linguagem comum, o amor da Galiza e fidelidade ao seu *enxebriño*, o mesmo ideal de justiça e o mesmo profundo, ardente e insubornável amor do povo, do povo humilde, trabalhador e sofredor, claro está, que é esse verdadeiramente o povo.

Entre as teses defendidas e compartidas por ambos insiste em fazer fíncapé na «união de Portugal e Galiza»:

A grande aspiração de Castelao era — não podia deixar de ser — a união de Portugal e a Galiza, a correção do grande erro, da grande injustiça que desligou os dois povos irmãos, irmãos verdadeiros, até na linguagem. Para o cumprimento desse sonho apresentavam-se duas soluções: ou o separatismo puro e simples, solução difícil, para que a Galiza por si só não teria força bastante, e por isso mesmo posta de lado pelo político galego; ou a integração da Galiza e Portugal como Confederação ibérica, constituindo, com os

outros povos da Península, um equilíbrio de forças capaz de evitar qualquer possível agressão do imperialismo castelhano. É nesta solução que Castelao procura firmar-se, aduzindo razões e argumentos que valerá a pena examinar. Reconhece aliás as dificuldades que o seu esquema apresenta, sobretudo do lado português. Com efeito, a posse dum considerável império colonial, certas humilhações da História difíceis de esquecer, as diferenças irreduzíveis de temperamento, além doutros motivos, não parecem dar grande esperança de realidade à tese do patriota galego. Esse generoso «catador de iluções», como a si próprio se intitulava, via claramente os pontos fracos da sua construção; e se insistia nela obstinadamente, é que esperava da compreensão dos homens, num evoluir pacífico das ideias, a solução final para esse delicado problema, que tanto tem preocupado os melhores espíritos peninsulares. Não cabe dúvida que Castelao pôs na sua discussão uma sinceridade e uma coragem que não são vulgares em homens públicos.

Lapa, pois, será um recipiendário do programa de Castelao e, desse ponto de vista, um potencial elo entre o ideário do galeguismo do pré-guerra e o do posterior a 1939, alargando, aliás, essa potencialidade também ao espaço brasileiro, por causa do seu exílio.

O trabalho de divulgação e pesquisa de Rodrigues Lapa sobre diversos aspectos da cultura galega e a sua colaboração com o galeguismo e, mui particularmente, com o grupo Galaxia, será umha constante que terá um dos seus momentos fortes na edição das *Cantigas de escarinho e de mal dizer dos cancioneros medievais galego-portugueses*, em 1965, pola editora que dá nome ao grupo, com sede em Vigo. O texto terá umha nova edição, revista e acrescentada, em 1970, ano em que também sai à luz a sétima edição das suas *Lições de literatura portuguesa: época medieval*, na Coimbra Editora. No mesmo ano, a Ley General de Educación espanhola colocava a possibilidade do ensino das que nela eram denominadas «lenguas vernáculas» na primária e secundária, até aos treze anos. Esta hipótese somava-se, como pequeno alargamento do espaço de possíveis, às frestras que constituíam os indícios no sistema ditatorial dumha certa caducidade, a que se unia um contexto internacional em rápida mudança, e dispunham os grupos que adoptavam

diferentes elementos galeguistas na sua configuração a ir fabricando ideias em relação ao imediato futuro.

Em parte reflexo desta situação, Ramón Piñeiro dá a conhecer em Portugal, na *Colóquio/Letras*, a sua perspectiva sobre o futuro do idioma na Galiza. A revista surgira em 1971 em Lisboa, com subsídio da Fundação Gulbenkian e dirigida por Hernâni Cidade e Jacinto do Prado Coelho, ambos colaboradores de Galaxia, grupo que, central na altura no campo cultural galeguista, se reclamava herdeiro da linha de comunicação galego-portuguesa do galeguismo do pré-guerra; nesse esquema, a existência dumha comunhom espiritual, cultural, e abundantemente lingüística, é continuamente invocada por estes grupos e agentes. Polo geral, a sua actuação está presidida por umha clara vocação reintegracionista no plano cultural, que se verifica na atenção a elementos consagrados no sistema literário de origem, casos de Camões e, já, como esperável, Teixeira de Pascoaes, o último escritor português que se incorporara, como vimos, ao corpus simbólico e referencial português no seio do galeguismo. Todos estes elementos explicam a presença galega na revista já desde os seus inícios.

Duas som estas primeiras «Cartas desde Santiago de Compostela» de Ramón Piñeiro na revista. Nelas, trata de questões relativas aos processos de expansão e normatização da língua, seguindo os títulos de «Evolución do problema da lingua» (*Cartas*, n.º 2, Junho de 1971, pp. 78-80) e «A expansión crecente da lingua galega» (*Cartas*, n.º 8, Julho de 1972, pp. 75-77), mostrando o seu optimismo na sua normalização paulatina e plena, apelando explicitamente e já desde as primeiras linhas da primeira carta, às possibilidades que no ensino, universitário e nom universitário, abria a que denominava *Ley de Enseñanza*.

Explicitamente aludindo ao segundo dos textos, Lapa vai replicar a Piñeiro com «A recuperação literária do galego», artigo que abre na mesma revista o número 13 de Julho de 1973. Rodrigues Lapa contesta o optimismo do seu amigo, em parte sustentado na formulação do eventual ensino, «vagamamente e sem qualquer regulamentação posterior» (Lapa, 1973: 6) das línguas *vernáculos* que a tal Lei autorizava (e que nom se verificou, finalmente) e apela às raízes culturais e lingüís-

ticas como nexos de união dunha comunidade de mais de 120 milhões de falantes, na linha que o galeguismo no seu conjunto defendera historicamente (Lapa, 1973: 5):

Não importa que as fronteiras, que ninguém discute, nos separem através de enormes cursos de água; as mesmas origens culturais e a mesma língua, não falando já nas afinidades gritantes de temperamento, junguem indissolivelmente este acervo humano, que já conta mais de 120 milhões de indivíduos, e pode ser, tem de ser um dia uma grande voz do mundo.

Mas o elemento decisivo do seu artigo é o facto de ele colocar, abertamente, a necessidade de os galegos adoptarem a ortografia vigente em Portugal para a sua escrita da língua. A partir desse instante, a questão da norma, debate sempre presente, em latência ou centralmente na história do galeguismo, ganha nova força no campo galego. Diz o intelectual luso (Lapa, 1973: 12-13), recorrendo mui principalmente ao que será um dos principais agentes do reintegracionismo no mundo português, Guerra da Cal:

Há pois que restaurar o galego e obrigá-lo a ser o que já foi: um instrumento artístico, que as devastações do tempo, a maldade e a incúria dos homens foram deteriorando e desfigurando, até ficar no estado em que o vemos. Totalmente identificado, nos séculos XII e XIII, com o português, separou-se deste por razões conhecidas, mas nem por isso deixou de ser radicalmente a mesma língua. Que fazer para o converter de novo em idioma literário? Insistir, como até aqui, em fazer provisão da enorme e desordenada riqueza que lhe oferecem os falares locais para o restauro da sua forma culta? Já vimos o que isso tem de inoperante e até mesmo de ridículo. Nada mais resta senão admitir que, sendo o português literário actual a forma que teria o galego se o não tivessem desviado do caminho próprio, este aceite uma língua que lhe é brindada numa salva de prata. É com este material da velha casa comum, e sem pôr de lado o castelhano para o que for provisoriamente necessário, que se deve forjar progressiva mas aceleradamente a língua de cultura indispensável à Galiza. Nela poderá então o Galego exprimir, sem vergonha de ninguém, toda a complexidade do homem e da vida moderna; e desaparecerá

talvez para sempre o complexo de inferioridade que tem marcado pungentemente o seu carácter e sensibilidade. Daqui a vinte e cinco anos, essa língua renascida para a civilização, incorporada já de pleno direito no idioma de portugueses e brasileiros, seria lida por mais de 200 milhões de indivíduos; e num prazo de cinquenta anos, assim o dizem os futurólogos da demografia, serão 400 milhões a falar o galego-português. É uma perspectiva risonha, que nos deve encher de júbilo e ufanía!

Isto que dizemos, com pureza de intenções, que nascem do nosso entranhado amor pela Galiza, poderá aos que não conhecem o nosso passado galegófilo parecer uma espécie de incitação a um *Anschluss* cultural e linguístico do galego. E uma injustiça, e é sobretudo um erro: não fomos nós o primeiro a dizê-lo. Ainda há pouco tempo um escritor galego, Basilio Losada, nas colunas desta mesma revista (n.º 9, p. 97), a propósito de um livro em prosa de Álvaro Cunqueiro e dos seus portuguesismos de linguagem, declarava que «o lusismo é o recurso lóxico e desexábel de todo escritor galego». E um desses escritores, cidadão do mundo, que até nisto é galego-português, Ernesto Guerra Da Cal, já iniciou esse trabalho de integração nas obras que tem composto e prefaciado. Nos seus dois livros de poesia, *Lua de além mar* (1959), prefaciado por Jacinto do Prado Coelho, e *Rio de Sonho e Tempo* (1963), este «mestre da nova Galeguidade», como lhe chamou justamente Otero Pedrayo, não hesitou em utilizar a ortografia portuguesa para todos os fonemas galegos que por meio dela possam ser representados. Deu para isso duas razões: uma porque o sistema ortográfico vigente para o galego não tinha base histórica nem científica; a segunda e a mais importante: «é o considerarmos inadiábel o restabelecimento dos vencellos tradicionais das nosas letras con o ambito amplo e rico da cultura luso-brasileira, à cal, tanto pola verba, canto polo esprito pertencemos. Non fazemos nisto senón seguir o conselho venerábel do patriarca Murguía, que xá recomendou a unificación linguística con Portugal, apontando que nela estaba o porvir do noso idioma. E, nefeito, creemos que ise é o caminho mais seguro para sobardar os limites rexionaes e dialeitaes que ainda estreitan a espresión cultural galega. Coidamos pois ineludíbel reentrarmos no perímetro e nas correntes universaes do 'mundo que o português criou' aquén i-alén mar. O verdadeiro meridián espritoal da Galiza pasa por Lisboa e polo Rio, e canto antes reconhecamos esta verdade, antes se abrirán à nosa antiga voz recuperada as

posibilidades de ecoar fóra dos restritos confines comarcaes nos que nos estamos pechando, cegos às vastas perspeitivas que temos diante dos olhos» [*Lua de além mar*, p. 14].

A proposta de Rodrigues Lapa deu lugar a um imediato e importante debate, em parte recolhido por mim em Torres Feijó (2008a) e que aqui acompanho. A reacção, polo geral, dos elementos centrais do galeguismo foi contrária às teses de Rodrigues Lapa. Igualmente, e anos mais tarde, um dos líderes destacados do principal partido nacionalista da esquerda galega, a Unión do Pobo Galego, Francisco Rodríguez, contestará-as em *Conflicto lingüístico e ideoloxía en Galicia*, de 1976, num capítulo intitulado «As teses de Lapa ou o culturalismo e cosmopolitismo intelectual», em que adverte (1976: 110), «sen poñer en dúbida as ventaxes do aportuguesamento do galego hastra os lindes que non traicionan o espírito da língoa», que nelas «lataxa un conceuto do problema, culturalista, elitista, que non pon en correlación axeitada idioma e política; mais, esta correlación faina nun senso de aceutación da ideoloxía dominante».

Esta era a posição da que estava sendo já a principal força política do nacionalismo galego, mais virada para a sua concepção popular do idioma, embora deixando alguma porta aberta a umha eventual e relativa reintegração. Ora, a proposta de Lapa começa a prender em esferas periféricas e excêntricas galeguistas. Ele, no seu texto, citava jovens galegos, como os emigrados do chamado Grupo de Londres Carlos Durán (hoje grafado por ele como Durão) e Teresa Barro, ou o escritor novel na altura Xavier Alcalá, que aderiam às suas propostas. E este é o caso do «Manifesto para a Supervivência da língua galega», que Lapa recebe com rogo de publicação na *Seara Nova* e que assinam, para além do remetente, Martiño Montero Santalla, mais doze jovens galeguistas residentes em Roma. Na sua resposta a J. M. Montero, Lapa, mostrando a sua alegria (abriu a resposta àquela carta com as seguintes palavras (Lapa, 1997, n.º 342, pp. 346-347): «A sua carta, acompanhada do 'Manifesto' [...] proporcionou-me uma das maiores alegrias da minha vida») e anunciando-lhe que o texto sairá na *Seara Nova* ou na *Colóquio*, recomenda enviá-lo à *Grial*, a RAG, a Piñeiro, a Xavier Alcalá e a Guerra da Cal. O texto sairá, com efeito, no número de Setembro na

Seara Nova (introduzido por Lapa, indicando que ele veu acompanhado de um documento de maior profundidade, «Em prol da integração lingüística galego-portuguesa»; Lapa comenta o seu carácter novidoso e vê na ubiquação excêntrica do grupo, em contacto com outras culturas, a base da sua compreensão do problema lingüístico galego, reiterando a possibilidade de solucioná-lo assim «se os nossos amigos galegos o quiserem, bem entendido. E, pelo visto, querem mesmo») e, em Outubro, na espanhola *Cuadernos para el Diálogo* (a revista de Galaxia, *Grial*, nom quijo publicá-lo). Foi esse o início dum novo vento português nas velas galeguistas, que permitirá a Lapa escrever a Prado Coelho (1997: n.º 343; p. 347: 20/7/74): «A semente que lançamos à terra germinou lentamente, mas floriu e está dando frutos». Certamente, pessoas como Da Cal, Alcalá, Paz Andrade ou membros do Grupo de Londres eram referentes ou contactos de Lapa no campo galeguista, mas ninguém até ao momento manifestava umha prática e um projecto reintegracionista como esse e, menos, organizadamente¹⁰. Perante a hipótese de mudança política em Espanha e a evidente em Portugal, Lapa encontrava no âmbito galego¹¹ um interlocutor com umha proposta acabada

¹⁰ Na realidade este «Grupo de Roma» ficou-se como colectivo em manifestar a sua preocupação pola situação cultural da Galiza: nunca funcionará de maneira orgânica nem terá continuidade. Os seus membros sim, na linha reintegracionista, nos casos do promotor Martinho Montero ou outros elementos como o musicólogo João Trilho.

¹¹ A reintegração era possibilidade apoiada desde agentes nom galegos mas actantes no sistema galeguista, por exemplo os provenientes do catalán e do português. Por citar dous exemplos dos primeiros meses de 74, Félix Curucull apoia as teses de Lapa no número de Janeiro de 74 na *Seara Nova* (pp. 22-23), nom detectando em Portugal preocupação «em promover uma profunda conexão cultural galego-portuguesa», exceptuando Lapa e Prado Coelho, o que umha Nota da Redacção corrobora. No livro *Encuesta mundial sobre la lengua y la cultura gallegas y otras áreas conflictivas: Cataluña, Puerto Rico*, de Alonso Montero (Madrid: Akal, 1974), sem que no inquérito se aluda nem ao português nem a Portugal, nem à questão ortográfica, Carlos Barral, Ramón Carnicer, Sánchis Guarner e Ricard Salvat recomendam por vários modos essa reintegração. De resto, os portugueses seleccionados (pelo geral, contactos prévios de Alonso Montero, em que nom estão Lapa nem Coelho) nom se pronunciam nessa direcção.

e publicável, que nom tinha nem em Galaxia nem na Universidade nem nas plataformas políticas actantes: era o precedente das diferentes e sucessivas articulações reintegracionistas hoje (2008) vigorantes, e, também, dos condicionalismos que as propostas codificadoras da língua vam conhecer na Galiza.

Em 1973, a questão dessa prática lingüística e a sua articulação com os vários discursos lusófilos, conhecia umha prova de fogo verdadeiramente importante e expressiva, quando o galeguismo se coloca, nom por vez primeira, mas desta feita decisivamente, o problema da codificação lingüística do idioma. Surge assim, agora nom na proclama ideológica nem política, mas na tomada de decisão, o problema do lugar a ocupar pola Galiza no conjunto cultural mundial.

Como vimos, a afirmação galeguista contará sempre com Portugal na sua definição, com independência dos diversos pormenores e graus de aprofundamento. E com independência também de que esse modo de olhar e classificar Galiza em relação a Portugal e ao restante mundo lusófono constituísse um repertório para a acção.

Nessa acção, na realidade, a prática dos diferentes grupos em causa tem sido extremamente diversa ao longo do tempo, em função das posições ocupadas no campo galeguista e das funções nele desempenhadas. E, também, essa acção está determinada pola própria postulação feita sobre a definição sistémica da Galiza em relação a Portugal e a essas posições e funções.

A produção intelectual portuguesa contribuiu em momentos decisivos para a alimentação programática galeguista. Em ocasiões, apontando caminhos a percorrer que apenas estavam no discurso, mas nom decididamente na acção, do galeguismo, embora daquele se pudessem deduzir. Essas intervenções mostravam assim o carácter deficitário, de déficit projectivo que o galeguismo tinha, no sentido de nom poder praticar inteiramente o seu projecto e ficar por vezes, ou no silêncio ou na ambigüidade. Todo, possivelmente, desagüando numha falta de definição que o peso dos acontecimentos históricos e a própria realidade nom permitem ultrapassar com facilidade.

- ANDRADE, Anselmo de (1885), *Viajem na Espanha*, Lisboa, Tip. Matos e Moreira.
- BRAGA, Teófilo (1877), *Parnaso português moderno; precedido de um estudo da poesia moderna portuguesa*, Lisboa, Francisco Arthur da Silva.
- [1885 (1884-1886)], «Prólogo», em *Cancionero Popular Gallego*, coleccionado por José Pérez Ballesteros, Biblioteca de las tradiciones populares españolas/Director Antonio Machado y Álvarez, Madrid, Librería de Fernando Fé, 3 vols.
- CABANILLAS, Ramón (1920), *A saudade nos poetas galegos*, Corunha, Tipografía El Noroeste.
- CASTELAO, Daniel (1948), *Alba de Groria*, Buenos Aires, Edicións Galicia, do Centro Gallego de Buenos Aires. Acessível em <http://www.galespa.com.ar/albagroria.html>
- [1944, 1961 (1992)], *Sempre en Galiza*, ed. crítica / coordenador, Ramón Máiz; autores, Justo G. Beramendi... [et al.] Santiago de Compostela, Parlamento de Galicia: Universidade de Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico.
- CASTELAR, Emilio (1880), «Prólogo» em Castro, Rosalía de: *Follas Novas*, (Madrid-Habana, La Ilustración Gallega y Asturiana, La Propaganda Literaria.
- DIESTE, Rafael, e OTERO ESPASANDÍN, Xosé (1927), «Coincidencias», *Eco de Galicia*, n.º 315, Havana, xaneiro. Acessível em descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12257294408945940543091/028788_0004.pdf
- EVEN-ZOHAR, Itamar (2005), «Culture As Goods, Culture as Tools», in Even-Zohar, *Papers in Culture Research*. Acessível em <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/good-tools.pdf>
- LAPA, Manuel Rodrigues (1997), *Correspondência de Rodrigues Lapa*, selecção (1929-1985)/selecção, organização e introdução de Maria Alegria Marques... [et al.], Coimbra, Minerva.
- LOUREIRO RODRÍGUEZ, Cristina (2006), *O Projecto de Rodrigues Lapa para a Galiza no tardofranquismo (1968-1975)*, trabalho de investigação tutelado, Universidade de Santiago de Compostela, inédito.
- MARTINS, Joaquim P. Oliveira (1881), *As Raças Humanas e a Civilização Primitiva*, t. I, Lisboa, Livraria Bertrand.
- OTERO PEDRAYO, Ramón (1931), *Romantismo, saudade, sentimento da raza e da terra en Pastor Díaz, Rosalia de Castro e Pondal: discurso de ingreso na Academia Galega coa contestada do Académico Vicente Risco*, Nós, Santiago de Compostela.
- PARDO BAZÁN, Emilia (1888), *De mi tierra*, Corunha, Tip. de la Casa de Misericordia.
- RISCO, Vicente [(1920) 2000], *Teoría do nacionalismo galego*, ed. crítica de J. Beramendi, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco. Acessível em <http://www.fundacionvicenterisco.com/gfx/Descargas/Teoria%20do%20nacionalismo%20galego.pdf>
- RODRÍGUEZ, Francisco (1976), *Conflicto lingüístico e ideoloxía en Galicia*, Monforte de Lemos, Xistral.
- THESSE, Anne M. (2000), *A Construção das Identidades Nacionais*, Lisboa, Temas e Debates
- TORRES FEIJÓ, Elias J. (1999), «Cultura portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891)», em *Ler História*, 36, 273-318
- (2004), «Contributos sobre o objecto de estudo e metodologia sistémica. Sistemas literários e literaturas nacionais», em *Bases metodolóxicas para unha historia comparada das literaturas da Península Ibérica* (Anxo Tarrío Varela e Anxo Abuín González eds.), pp. 419-440, Universidade de Santiago de Compostela.
- (2008a), «O 25 de Abril e as suas imediatas conseqüências para e no campo do protossistema cultural galeguista», em *Actas do VII Congreso Internacional de Estudos Galegos. Mulleres en Galicia. Galicia e os outros pobos da Península* (2003), eds. Helena González i M. Xesús Lama. Sada — A Coruña: Edicións do Castro/Asociación Internacional de Estudos Galegos/Filoloxía Galega (Universitat de Barcelona), 689-702.
- (2008b), «A mais poderosa ponte identitária: Portugal e a Saudade no nacionalismo galego», em *Actas do III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade em Homenagem a Dalila Pereira da Costa*, Porto, Universidade Católica Portuguesa, no prelo.
- (2009), «Relacionamento literário galego-português Legitimação e expansão com Sísifo ao fundo», em *Catálogo da Exposição SU-DOESTE* (coord. Sáez Delgado, Antonio), Cáceres, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo de Badajoz (MEIAC), no prelo.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar (1975), *A Espanha ante o «Ultimatum»*, Lisboa, Livros Horizonte.
- VILLAR PONTE, Antonio (1916), *Nacionalismo Gallego. Nuestra afirmación regional*, Corunha, Tipografía El Noroeste.